

## EDIÇÃO N. 7 DA PRÁXIS E HEGEMONIA POPULAR

### GRAMSCI E A RELIGIÃO: ANÁLISES CONTEMPORÂNEAS APRESENTAÇÃO

A reflexão sobre religião está presente em toda parte, uma página sim, outra não dos *Cadernos*. Basta ir na biblioteca e pegar os *Cadernos* ou as *Cartas*. [...]. Um grande pensador que reflita sobre a política deve obrigatoriamente ocupar-se da religião, é óbvio.

Giuseppe Vacca<sup>1</sup>

Ainda que possa pesar algum exagero, que se façam ecoar as palavras de Giuseppe Vacca sobre o lugar/a dimensão que a religião ocupa nos escritos de Gramsci. Sabe-se que quando o espaço de trabalho é a academia não raro a religião passa a ser um tabu, um assunto a ser deixado de lado. Em contrapartida, ao deixá-la lá, quietinha em seu canto, a religião enquanto fenômeno social cumpre seu papel de relevância no campo político e exerce sua influência sobre diferentes esferas da vida social.

No caso do Brasil e da academia brasileira, percebe-se que cresceu nas últimas duas décadas o interesse dos pesquisadores pela religião e pelas questões derivadas da concepção religiosa de mundo e de sua influência sobre a sociedade. No bojo de muitas análises encontramos o referencial teórico do marxismo, em especial Gramsci, como fundamento. É no intuito de contribuir para a ampliação desses estudos e de fortalecer e aprimorar o uso do referencial marxista e gramsciano na análise dos fenômenos religiosos concretos que se apresenta o Dossiê **Gramsci e a religião: análises contemporâneas**.

Para além dos aspectos geográficos (físicos e políticos), cerca de um século de história nos separa do contexto analisado por Gramsci. Por isso, as análises

<sup>1</sup> Extraído da entrevista concedida a Matteo Sacchi e veiculada em 26 de novembro de 2008 no *Il Giornale*. A entrevista ocorreu após o Bispo Luigi De Magistris afirmar na Rádio do Vaticano em 25 de novembro de 2008 que Gramsci, em seus últimos dias, havia se convertido ao catolicismo. Vacca refutou tal afirmação destacando que não havia indícios sobre tal conversão nos escritos de Gramsci. A afirmação de que Gramsci havia se convertido não era novidade, havia sido veiculada uma década antes por Emilio Cavaterra em um editorial publicado no próprio *Il Giornale* onde explicava que as alegações estavam fundamentadas no testemunho da Irmã Pinna, uma religiosa que servia na Casa de Repouso na qual Gramsci viveu seus últimos dias. Essa história foi cercada de polêmicas. No sítio da IGS-Itália estão disponíveis recortes de jornais sobre “a conversão de Gramsci”, veiculados nos dias 26, 27 e 28 de novembro de 2008 (Disponível em: <https://www.igsitalia.org/attivita-igs/rassegna-stampa/284-la-conversione-di-gramsci>). A entrevista de Giuseppe Vacca, foi traduzida por Josimar Teixeira e divulgada no sítio **Gramsci e o Brasil** (Disponível em <https://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=1008>).

contemporâneas buscam revisitar Gramsci, um autor clássico, tendo como foco suas notas e escritos sobre religião, política e educação. Mas este não é um movimento que se encerra no texto de Gramsci, ele se expande também para a análise da problemática em nossa atualidade. Afinal, parte-se do pressuposto de que a realidade, o concreto vivido é sempre o ponto de partida e de chegada das investigações. O esforço intelectual de ler Gramsci com rigor, ou de submeter um determinado objeto à análise pautada por uma perspectiva gramsciana ou marxista, visa sistematizar o conhecimento e fornecer fundamentos para as análises de conjuntura. Tal prática é parte essencial do trabalho de atualização da leitura, ou seja, da *tradutibilidade* de um referencial teórico ou de uma concepção de mundo para um contexto distinto daquele no qual foi produzido.

Nas primeiras décadas deste século XXI, a conjuntura brasileira insiste em protagonizar eventos e fatos que nos aproximam, em contexto, da “Itália de Gramsci”. Para além disso, vive-se no cenário nacional a emergência de um movimento que se define “liberal na economia” e “conservador nos costumes” e para o qual a religião aparece como elemento aglutinador, um fiador de caráter para políticos cujos discursos apresentam a moral e os bons costumes da família como o “fiel da balança”. Uma prova disso é a constituição de uma Frente Parlamentar Evangélica que cresce a cada legislatura e que na última década mais que dobrou o número de signatários.

No verbete “religião”, escrito para o **Dicionário Gramsciano 1926-1937**, Tommaso La Rocca enfatiza que a análise de Gramsci sobre a questão religiosa revela diferentes perspectivas que envolvem de questões epistemológicas a questões ideológicas, históricas, sociais e políticas que ampliam as categorias críticas com as quais a análise marxista pode explorar a questão religiosa. Isso significa que além das categorias tradicionais de análise da religião – como alienação, ópio do povo, modelo epistemológico negativo do mundo capitalista – categorias até então próprias da análise política como hegemonia, bloco histórico, reforma intelectual e moral, revolução passiva e Igreja como intelectual passaram a adquirir um papel fundamental na análise da religião.

Gramsci cumpriu o papel atualizar ao seu tempo, o início do século XX, o instrumental teórico para a análise da aproximação entre religião e política. É um pouco dessa perspectiva que apresentamos nesse dossiê, um esforço de leitura que, mesmo quando se fixa no texto gramsciano ou no contexto histórico de Gramsci, está em constante diálogo com a conjuntura atual do Brasil, um estado laico no qual as ações do Ministério da Educação se submetem aos interesses religiosos expressos pela Frente Parlamentar Evangélica e que se celebra com entusiasmo a indicação de um Ministro “terrivelmente evangélico” para o Superior Tribunal Federal. Esses são indicativos de que há uma intensa aproximação entre religião e política, entre líderes religiosos e governo, entre igrejas e Estado. É para lançar luz sobre essas relações que o dossiê buscou reunir as análises contemporâneas sobre a questão religiosa, partindo de Gramsci um inimigo abertamente declarado pelos mentores e genitores do atual governo.

O texto da querida professora Anita Schlesener, **Política e educação: notas acerca da religião como ideologia a partir de Gramsci e seus desdobramentos na educação**, demonstra a atualidade dos escritos gramscianos ante aos últimos acontecimentos que marcaram a política brasileira. A partir de textos jornalísticos dos anos de 1916 e 1917 e de algumas notas dos Cadernos, ela explora o significado do ideário religioso na formação do senso comum, apresenta a luta de classes como força que move a história e ao evidenciar a aproximação entre Igreja e Estado analisa como no início do século XX a religião valeu-se da educação para se fortalecer politicamente.

Deise Rosálio Silva no texto intitulado **O nexó entre o fascismo e a igreja católica na educação a partir da reforma Gentile**, ao analisar as reformas educacionais italianas implementadas pelo governo fascista entre 1922 e 1923, evidencia os resultados da aproximação entre Igreja e Estado, entre política e religião. Tomando a educação como objeto de estudo, expõe o direcionamento que a concepção de mundo do catolicismo imprimiu na organização e na oferta da educação escolar italiana. Ela enfatiza que o ensino religioso corou essa relação ao entregar nas mãos da Igreja o processo de direcionamento cultural das classes subalternas. A autora demonstra como a Igreja Católica, ao se aproximar do Estado com o intuito de garantir sua influência, operacionalizou a instituição do regime fascista ao emprestar sua autoridade para legitimar e difundir a concepção de mundo proposta pelo regime.

Em **Gramsci e a questão religiosa: religião e alienação a partir do contexto religioso italiano**, Maria do Socorro Ramos Militão e Oziel Rocha buscam sistematizar os estudos do filósofo sardo sobre a aproximação entre religião e política, enfatizando o papel da religião na conformação das massas e na manutenção da subalternidade. Explora a questão da alienação, problemática que não se limita ao contexto de Gramsci, mas remete ao processo histórico de constituição do Estado na Itália e evidencia que a ação da religião não se limita ao campo da espiritualidade. Antes, configura-se como uma força política de direcionamento e coerção sobre os grupos subalternos que historicamente garantiu a hegemonia política e econômica de diferentes grupos ao longo da história italiana.

Por fim, o texto **Neopentecostalismo e neoliberalismo no Brasil** de William Robson Cazavechia e César de Alencar Arnaut de Toledo traz a discussão sobre a relação entre religião e política para a contemporaneidade. Não se trata aqui de uma leitura de Gramsci, mas da aplicação de categorias analíticas proeminentes da política, e atualizadas pelo pensamento gramsciano, na análise da relação entre religião e política. Ao percorrer o percurso histórico de constituição do neopentecostalismo no Brasil, os autores demonstram que a religião além de servir como instrumento de legitimação e difusão da política neoliberal no país, hoje, dá sustentação ao avanço do conservadorismo. O uso sistemático e intencional da mídia, a desqualificação da democracia, o alinhamento ao agronegócio e a perspectiva de que a superação do abismo social passa pela prosperidade

financeira e por terapias espirituais estão entre os elementos que formam o amálgama da atual relação entre religião e política onde, outra vez, o papel da religião é a conformação das massas a um senso comum que sustenta uma hegemonia política e econômica.

Em tempo, e de certo modo, o texto **A hegemonia e os “subalternos”: utopia, religião, democracia** de Fábio Frosini completa o dossiê. Agradeço a equipe Editorial da **Revista Práxis e Hegemonia Popular** e aos autores e avaliadores que generosamente colaboraram para a efetivação desse breve dossiê. Registro ainda que o atual contexto inviabilizou a participação de um número maior de autores e a apresentação de um conjunto mais amplo de textos. O que não tira o mérito, mas reforça o convite contínuo para que as análises contemporâneas sobre a questão religiosa sejam produzidas, sobretudo a partir do referencial gramsciano. A atual conjuntura nos coloca como imperativo ético-político o dever de observar e analisar com atenção o movimento de legitimação religiosa desta política conservadora nos costumes e (neo)liberal na economia. Política que aprofunda as diferenças sociais e opera movimentos de transformação/restauração que impedem a constituição de um movimento de transformação que seja por definição revolucionário.

Jarbas Mauricio Gomes  
Penedo-AL

Marília-SP, dezembro de 2020